

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Vera Lúcia Silva Camargo

Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

Ourinhos/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História Oral de Vida

Entrevistadora: Rosemeiry de Castro Prado

Instituição: Fatec Ourinhos

Levantamento de dados preliminares da entrevista:

Um dos depoimentos para minha tese de doutorado foi o da professora Vera Lúcia Silva Camargo, da área de tecnologia, que, apesar de não lecionar os conteúdos específicos da Matemática, nos permitiu revisitar a história do Centro Paula Souza, já que a depoente passou pela instituição como aluna, professora auxiliar e outros cargos, até chegar ao topo da carreira do magistério dentro da instituição, vivenciando várias fases da Fatec. A entrevista foi realizada na sala de reuniões da Fatec Ourinhos, local de trabalho da entrevistada e entrevistadora. Essa entrevista fez parte da tese de doutoramento “AS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO: um histórico da instituição e aspectos relativos ao ensino de Matemática nela praticado” na Unesp/Campus Bauru, em 2018¹.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Rosemeiry de Castro Prado

Local da entrevista: Fatec Ourinhos - Av. Vitalina Marcusso, 1400 - Campus Universitário, Ourinhos – SP.

Data: 27 de julho de 2016

Técnico de gravação: Rosemeiry de Castro Prado

Duração: 1 hora, 16 minutos e 50 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

¹ Consultar: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/dissertacao/prado_rc_dr_bauru.pdf

Número de páginas: 31

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi cedida pela entrevistadora para compor um volume dentro do projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”. Realizou-se a entrevista com a professora Vera Lucia Silva Camargo, que é formada em Tecnologia em Processamento de Dados, curso cujo nome anterior era o de Técnico de Nível Superior em Processamento de Dados e que se transformou no atual curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. A entrevistada menciona que o curso foi pioneiro em São Paulo, na década de 1970 e, a Fatec São Paulo, foi uma das primeiras a implantá-lo. Posteriormente, vieram cursos de Bacharelado em Sistemas de Informação por não ter formação de nível superior específica para a área. O curso era quadrimestral e perfazia um total de dois anos, tendo somente duas semanas de férias no ano (a cada quadrimestre, ocorria uma parada de descanso de uma semana). De acordo com a entrevista, o primeiro contato da professora Vera Lúcia com a Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo foi em 1975, como aluna ingressante do curso de Processamento de Dados, da Fatec – SP. Fez estágio na própria instituição e a sua intenção não era a de ir para a carreira de docência, mas acabou traçando todos os caminhos: estagiária, auxiliar docente, professora auxiliar (categoria que hoje não existe mais), até prestar os concursos e assumir a docência, desde 1977.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 26 de setembro de 2016

Nome da transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

Rosemeiry de Castro Prado (RCP): Bom professora Vera, em primeiro lugar quero agradecer a participação da senhora, a boa vontade, para que a gente possa começar esta entrevista, cuja finalidade é coletar dados para minha tese de doutorado que está sendo desenvolvida na pós-graduação em Educação para a Ciência na UNESP de Bauru. E a gente assume como metodologia a história oral, portanto a gente trabalha com entrevistas e nesse momento a minha intenção é coletar dados para gente poder constituir uma história, uma versão dos professores de Matemática que atuam ou atuaram nas faculdades de Tecnologia né, nas Fatecs do Estado de São Paulo. Eu sei que a senhora não é professora de matemática, mas sei também que a senhora pode contribuir muito com a história do Centro, então agradeço novamente, e nesse sentido gostaria que a senhora falasse um pouquinho pra gente começar da sua vida pessoal, da sua trajetória pessoal.

Vera Lucia Silva Camargo (VLSC): Então tá bom. Eu em 75 entrei na Fatec, eu sou formada como Tecnóloga em Processamento de Dados, não tinha esse nome antes o curso né, era técnico de nível superior em processamento de dados, que hoje é o atual curso de tecnologia em análise e desenvolvimento de sistemas, é o curso que se transformou nisso. Esse curso foi pioneiro na... em São Paulo na década de 70 e a Fatec São Paulo foi uma das primeiras que implantou, teve depois também, teve vários cursos Bacharelados em Sistemas de Informação né, porque não tinha uma formação de nível superior específica para a área. Eu acho até que o bacharelado em sistema Ciência da Computação nem... deve ter basicamente o mesmo tempo, deve ter surgido mais ou menos na mesma época, não tenho certeza, mas eu até tenho um livro que fala da história desses cursos. E então em 75 eu entrei na Fatec, o curso era quadrimestral em dois anos, tinha duas semanas de férias num ano, só, e cada quadrimestre parava uma semana, fazia parte do quadrimestre essa parada, então eram três quadrimestres no ano né.

RCP: Sim.

VLSC: E me formei lá na Fatec São Paulo, aí comecei a fazer o estágio porque a IBM que fornecia os equipamentos na época né, na época ainda do cartão perfurado, já é história é quase museu (risos), e eu fui bolsista, recebi uma bolsa pela IBM para fazer estágio na própria faculdade para ajudar a implantação desse equipamento que tinha lá, o uso principalmente, a utilização desse equipamento. Aí eu comecei com o estágio lá e a minha intenção não era ir para essa carreira de docência, mas acabei fazendo tudo o que desde o comecinho, estagiária, auxiliar de docente, professora auxiliar que hoje não existe mais essa categoria, e fui prestando os concursos e fui ficando né. Então estou lá desde 77 como funcionária mesmo, contratada.

RCP: A senhora nasceu em São Paulo?

VLSC: Nasci em São Paulo.

RCP: É de São Paulo mesmo...

VLSC: Sou.

RCP: E foi pra Fatec como aluna...

VLSC: Como aluna.

RCP: E aí quando a senhora ingressou já trabalhava na área de tecnologia ou não?

VLSC: Não, não trabalhava. Eu tinha só um cunhado, que foi por causa dele que eu resolvi entrar nessa área, que ele trabalhava na Valisiére, ele era analista de sistemas lá e eu não sabia nada dessa área, não sabia do curso nada e falei pra ele, aí ele falou ah eu acho que é interessante é um curso novo e tal, esse curso foi implantado lá na Fatec São Paulo em 74...

RCP: Setenta e quatro...

VLSC: Mas eu entrei lá em 75. E aí acabei ficando lá. Lá eu lecionei Linguagem de programação, Engenharia de software, diversas disciplinas tudo dessa área, e fiquei também na chefia do departamento lá com quase 80 professores, eu fiquei 4 anos na chefia do departamento. Aí depois estava um...estava em processo de expansão, foi a primeira fase de expansão que eram poucas unidades né, e aí tinha a Fatec Jau precisando de uma pessoa para dirigir, que estava num período lá meio conturbado, um diretor doente, outro diretor afastado, estava cheio de problemas lá. Aí eu fui pra implantar um curso também na área de TI lá que não tinha, foi um dos primeiros a ser no interior, acho que um pouquinho depois do que estava aqui na Fatec Ourinhos, e nesse meio tempo eu acumulava, eu dava aula aqui na Fatec Ourinhos, acumulava direção e dava aula aqui na Fatec Ourinhos, porque aqui já estava implantado o curso, é mais antigo que Jaú e era implantado como extensão de Campos da Fatec São Paulo, e estava numa fase que precisava de professor para as disciplinas finais do curso, então eu vinha de Jaú uma vez por semana e dava essas disciplinas, então desde primeira turma eu dei aula aqui, da primeira turma daqui.

RCP: E lá em São Paulo a senhora trabalhou quanto tempo na Fatec São Paulo?

VLSC: Fatec São Paulo acho que uns 20 anos... é.

RCP: Vinte anos como professora e outros cargos também, outros...

VLSC: Como professora e como coisas afins da carreira docente mesmo né, que era o auxiliar de docente, o professor auxiliar que é um professor que teoricamente lá estava numa fase de preparação para ser um docente mesmo.

RCP: E pra ingresso houve concurso?

VLSC: Naquela época não tinha concurso...

RCP: Não... não...

VLSC: Tinha uma seleção lá, mas não era assim como é hoje, publicado em Diário Oficial e tudo.

RCP: E nem a exigência de ser mestre, doutor...

VLSC: Não, não.

RCP: Se já tivesse um curso na área já poderia ingressar...

VLSC: Já poderia trabalhar porque não tinha. Não tinha nem cursos de graduação, que dirá pós-graduação né, agora não, agora existe exigências é obrigado a ter né para poder entrar no mínimo especialização.

RCP: E aí nesse período havia plano de carreira ou não ainda?

VLSC: Tinha um plano que foi bastante modificado, já teve... o plano daquela época já foi modificado acho que umas 4 vezes que eu me lembro. Eu já passei por quatro modelos de (inaudível) (risos). E depois então eu fiquei 2 anos na Fatec Jaú, a hora que a gente achou uma pessoa que pudesse... ajudei né a selecionar esse professor né, ele ficou lá quase 15 anos na direção, que é o Luchini... aí porque a faculdade lá era muito curso na área de navegação, o de informática era um único curso, então tinha mais professores dessa área específica, então a gente preferiu pegar alguém que tivesse mais domínio dessa área, aí no caso ficou o Luchini, ficou bastante tempo. Aí eu vim para Ourinhos, fiquei 12 anos aqui em Ourinhos, a minha filha prestou vestibular, passou, entrou lá na USP em São Paulo e eu pedi então para transferir para lá. Primeiro eu fui para a Fatec Carapicuíba, fiquei coordenando o curso lá de Logística um tempo, acho que eu fiquei 1 ano na coordenação do curso. Aí depois o pessoal lá da SISU me chamou para ajudar numa as reformulações de cursos que precisavam ser feitas, eu fui. Fui para ficar um ano acabei ficando 7.

RCP: Sete anos...

VLSC: Aí voltei para Ourinhos certo? O trabalho lá, a pessoa que estava coordenando este trabalho saiu, que é o professor Ângelo Cortelazzo, foi cuidar Univesp, e eu voltei pra Ourinhos. Poderia ter ido para outra unidade... já dei aula também em Mogi Mirim, poderia ter ido para uma outra unidade lá...

RCP: Mais próxima e tal...

VLSC: Mas meu processo está tudo aqui... tá tudo aqui...

RCP: Entendi e são quantos anos de Fatec até o momento?

VLSC: O ano que vem vou completar 40 anos.

RCP: Quarenta anos de Fatec...!

VLSC: Em julho do ano que vem, é.

RCP: Então a senhora acompanhou toda a história da Fatec praticamente né, porque...

VLSC: Praticamente nesses anos aí poderia dizer do Centro Paula Souza né, todas as crises, todas as expansões, os crescimentos, as mudanças de... de filosofia de trabalho...

RCP: E o que que a senhora observou nesses 40 anos de instituição, é... em termos de estrutura, em termos de... de transmissão de conhecimento...

VLSC: Ah, eu acho que a contribuição... eu não posso dizer em termos pessoais só né, porque eu não tenho dados sobre essa contribuição, acho que precisaria até fazer um... mereceria até fazer um levantamento sobre isso, mas eu acho que a contribuição dos cursos de tecnologia pro desenvolvimento do Estado de São Paulo, e mesmo para o desenvolvimento da ideia desses cursos em outros estados que hoje é meio que

consagrado, acho que o Centro Paula Souza tem uma história preponderante né. Se não fosse a criação das Fatecs, eram só duas Fatecs a Sorocaba e São Paulo né, só tinha essas duas...

RCP: Isso em 69 e 70?

VLSC: É, primeiro criou o Centro Paula Souza com curso superior lá em Sorocaba, aí criou a Faculdade de Tecnologia de São Paulo.

RCP: ...de São Paulo né...

VLSC: E aí ficou um negócio meio estranho aí, por isso que tem uma data que o pessoal fala que a Fatec Sorocaba é mais antiga. Aí pegou trouxe o Centro Paula Souza para São Paulo e juntou as duas faculdades nessa autarquia, que é uma autarquia de regime especial como são as Universidades, nesse tempo todo eu acho que o curso de tecnologia ganhou, os cursos de tecnologia ganharam visibilidade, eles ganharam o reconhecimento de cursos como cursos de graduação, contribuiu para a formação de muita gente, incorporou esse... incorporaram esses cursos em outras universidades federais, nos institutos federais, nas particulares também tem né bastante desses cursos, ampliou muito porque o curso lá em São Paulo tinha na área de Mecânica, na área de Construção Civil e os de Informática entrou depois né...

RCP: Sim.

VLSC: Como eu falei os cursos não chamavam tecnologia, eles chamava técnico de nível superior, aí teve uma época, não lembro bem o ano se foi 78 ou 79, teve muita confusão porque o pessoal queria transformar em curso de engenharia, e aí o que acabou acontecendo é que o pessoal extinguiu o curso de Engenharia Operacional, foi a mesma época, eu não lembro, eu não sei precisar bem o ano eu teria que dar uma olhada nos documentos mesmo, extinguiu-se os cursos de engenharia operacional que existiam na FEI e algumas unidades particulares lá em São Paulo, e o curso de engenharia passou a ser curso que tivesse no mínimo 4 anos, 3500 horas acho que de duração, foram estabelecidos alguns critérios, e os outros cursos passaram a se chamar cursos de tecnologia e passaram a ter a duração de 3 anos. Não podia mais ter curso de dois anos, quando eu fiz eram dois anos, só que cabe em dois anos a mesma carga horária...

RCP: Só que em dois anos...

VLSC: Era período integral praticamente né, então era um jeito de fazer o curso meio copiado assim do que fazem na França com os institutos universitários de tecnologia. Só que lá na França eles têm a formação universitária dividida em três ciclos, o primeiro ciclo... já mudou muito por causa do acordo de Bolonha lá, do processo de Bolonha, mas era assim é... o primeiro ciclo, é ainda né, o primeiro ciclo é uma formação digamos assim...

RCP: Geral?

VLSC: Como é que eu poderia dizer... não é nem formação geral, eles têm três saídas possíveis aí do primeiro ciclo, mas é uma formação inicial, depois tem o segundo ciclo que conduz ao titular de *maîtrise*, que seria equivalente ao nosso bacharelado, muita gente traduz como mestrado, mas está errado, e aí o terceiro ciclo que são os doutorados. Eles não têm o mestrado como nós temos aqui né. Então, e são cursos... e esses cursos de primeiro ciclo em geral são de dois anos e a pessoa... são cursos que eles falam terminais, se a pessoa quiser ir para o mercado trabalhar pode ir né. E os nossos cursos ficou meio do caminho... já o modelo alemão não, o modelo alemão é um modelo que eram os cursos de Engenharia Industrial, tem os cursos de 4 anos e tem os cursos mais longos de Engenharia de 5, 6, depende lá do tipo de aprofundamento que vai ser dado. Mas isso mudou muito na Europa, o projeto de Bolonha hoje eu não saberia te dizer, eu sei dos IUTs, que eu andei acompanhando ainda. Que que eles fizeram para poder se adequar ao projeto de Bolonha? Eles mantém essa formação no caso dos IUTs, eu sei porque em 89 eu fiquei lá na França justamente só estudando essas modalidades deles de trabalho né, aí eles fazem... eles fizeram o seguinte, continuam...eles continuam com aquela estrutura deles aí esses IUTs eles passaram a oferecer mais um ano, que eles se chamam se não me engano formação profissional específica, tem um nome, eu posso até ver depois com calma para você .Aí eles tem esse ano de complementação da formação profissional que obrigatoriamente tem que ser a pedido de empresas, e tem que ser é...como é que se diz, no mínimo um período de 6 meses dentro da empresa, não pode ser totalmente dentro da universidade, pode ter 6 meses na universidade e 6 meses na empresa. Então a pedido das empresas eles fazem essas formações pra poder se adequar ao Bolonha e dar lá o número de créditos que equivale a graduação de 3 anos que tem todo o processo de Bolonha. Então hoje nós estaremos de acordo com projeto de Bolonha certinho, que nós temos 3 anos, 2400 horas no mínimo né, então a gente estaria adequado a esse projeto europeu, se nós quiséssemos fazer um...como é que se diz, um convênio, uma participação maior no mercado europeu, a parte de educacional os cursos de tecnologia poderiam se encaixar nessas formações de 3 anos.

RCP: E a gente lendo a respeito, a gente viu que o momento histórico que culminou no surgimento da Faculdade de Tecnologia foi o momento em que o parque industrial de São Paulo crescia muito.

VLSC: Crescia.

RCP: Crescia muito. E a senhora percebeu algum modelo de fora que o Centro se baseou, que...

VLSC: É, os modelos têm até um... eu acho que um parecer do Cordão, Francisco Cordão, não sei se você já chegou a ler...

RCP: Eu li a respeito um pouquinho.

VLSC: Porque é ele que que ajuda a, como é que se diz, a organizar, a regulamentar os cursos de Tecnologia para o restante do país, mas ele conversou muito com a gente no Centro Paula Souza na época, eu lembro bastante das idas dele lá, e ele tem experiência do Senac né, que também tinha alguns cursos assim nessa linha, e ele traça uma história

também bem interessante. Ele fala do modelo inglês, que o modelo inglês também tem esses cursos de 3 anos né, e fala também do francês e do alemão. Eu acho que quem... eu não participei do processo Inicial lá em 69 né, mas eu acredito que quem na época estabeleceu esses cursos com certeza conhecia esses modelos né.

RCP: Sim

VLSC Tanto é que Paula Souza é o nome de um cara que foi estudar nas *hochschule* da Alemanha né, no final do século retrasado, ele foi um estudante de uma dessas *hochschule*, então com certeza por que é que deram o nome de Paula Souza?

RCP: Sim.

VLSC: Porque eles estavam querendo talvez ou trazer o modelo alemão... o problema acho que foi justamente esse. Esse cara vendo três modelos, não trouxeram direito nenhum dos três porque a realidade do Brasil é outra. Tiveram que fazer adaptações, e eu acredito que eles devam ter conhecimento desses modelos sim.

RCP: E esses professores que vieram na época, vieram de uma determinada instituição? USP, ITA ou não?

VLSC: Não. Não, eu vou falar um pouquinho, a maior parte dos profissionais eram recrutados, faziam parte do... ainda faz até hoje da avaliação para o professor ser professor, não é o meu caso, porque eu acabei sendo formada na docência mesmo e fiquei né, mas fazia parte das contratações que a pessoa tivesse obrigatoriamente experiência no mercado de trabalho, e até que continuasse, eles não queriam... isso acaba sendo... foi bom uma época, mas eu acho que hoje são coisas que precisavam ser revistas, a pessoa tinha que manter a docência com uma coisa em paralelo, manter o seu trabalho na área específica de engenharia, provavelmente a maior parte deles né, para poder... a ideia era que com essa experiência que o cara tinha no mercado de trabalho, ele trazia para dentro da sala de aula né.

RCP: Associar a prática e a experiência do saber.

VLSC: É, mas a gente sabe hoje em dia que a construção do conhecimento é mais complexa. É claro, é interessante essa integração sim com o mercado de trabalho, a Alemanha faz bem isso, acho que faz até melhor que a França. Hoje a França está fazendo bem nessa formação dos IUTs, mas eu acho que a Alemanha faz melhor né essa integração. Eles queriam essa integração, não queriam um ensino dissociado do que acontecia na indústria, e nem podia ser mesmo, então eles achavam que trazendo o profissional já preparado, que estava atuando lá na indústria, ele traria esse conhecimento pra dentro da escola né, essa experiência. É uma tese, certo? Uma coisa que a gente precisa verificar, porque hoje temos ainda esse professor que concilia atividades profissionais específicas junto com a docência, mas a grande maioria acho que do nosso corpo docente se dedica quase que integralmente à docência né.

RCP: E quando... quando a senhora ingressou, enquanto aluna, como era a relação vaga, candidato?

VLSC: Ah era muito, muita procura.

RCP: Muita procura.

VLSC: Muita procura, chegou a ter vestibular, eu lembro no curso de Processamento de Dados porque meu filho prestou né, ele entrava, mas ele era meio sem vergonha não terminava os cursos, foi terminar muito depois quando precisou. Porque ele começou a trabalhar com programação e fazer as coisas, ele já é meio dessa, é meio parecido com essa geração Y, mas ele é bem anterior, e ele começou a programar, a gente recebeu um computador de um projeto da Embratel, um cp500, que era um projeto de formar a rede, não tinha ainda a internet, formar uma rede de usuários de computadores e a Embratel estava fazendo um teste, então ela vendeu, ela deu máquinas para os funcionários e meu irmão falou ah, o quê que eu vou fazer com isso aí em casa, chamava projeto Ciranda, eu não tenho uso para isso. E aí eu falei ah, se você quiser meu filho gosta, tem uns jogos aí, tem coisa e ele gosta de ficar fuçando com coisas assim de tecnologias né, computador pessoal. Mas nem se falava, ninguém tinha computador pessoal, estava ainda começando essa história. Aí eu troquei com uma linha telefônica, ele pegou minha linha, eu tinha 2, ele pegou minha linha telefônica e eu fiquei com o computador, e meu filho começou a trabalhar com aquilo em casa. Eu lembro quando ele prestou vestibular na Fatec, então ele aprendeu a programar quase que sozinho né, quando começou a prestar vestibular, que ele entrou na fase de prestar vestibular, ele prestou na Fatec era 89 candidatos por vaga no turno da noite, no turno da noite né.

RCP: Isso em São Paulo.

VLSC: Em São Paulo.

RCP: Fatec São Paulo. Nossa...

VLSC: Hoje... é que aumentou muito a oferta, então com certeza aquela demanda que tinha reprimida, ou que não era atendida, passou a atender.

RCP: Mas não existia uma certa competição, uma certa rivalidade entre os engenheiros...

VLSC: Ah sim, existe até hoje.

RCP: Até hoje... e os tecnólogos...

VLSC: Existe, só que na nossa área de informática isso é menos sentido porque a nossa área não tinha profissionais. Os profissionais eram formados dentro da empresa o Serpro dava curso de Cobol para poder ter o seu pessoal, e aí dar os cursos nos próprios fabricantes de computadores e ia fazendo aquela formação, pegavam um pessoal com formação em matemática, letras, não importa, se o camarada fosse bem em lógica de programação a empresa investia nele. E ele fazia muitos cursos na IBM, na antiga

Burroughs, depois virou Unisys. Então o pessoal tinha um treinamento... quando eu trabalhava era Univac, Burroughs e IBM eram só esses três fornecedores. Aí depois entrou a francesa *Honeywell*, a Burroughs comprou a Univac e se transformou em Unisys né. Então quando eu entrei nessa área, essas empresas fornecedoras do hardware que davam a capacitação, e justamente eu peguei a fase que o estado falou não, essa capacitação, essa formação, tem que ser algo formal nas universidades, nós não podemos ficar dependendo só de... dos fornecedores né... de hardware. E foi assim que aconteceu. A formação era dessa forma. Então na nossa área a gente não sentia muito esse problema, essa discriminação. Agora tem discriminação, por exemplo a Petrobras até bem pouco tempo atrás, não sei se já é liberado, não aceitava nos seus concursos a formação de tecnologia.

RCP: Os tecnólogos, só engenheiros...

VLSC: Só Engenheiros. Hoje parece que ela abriu para a área de TI, ela abriu, ela aceita, mas pras outras, pra outras áreas eu não sei como é que tá.

RCP: Mas por que existia uma mentalidade que talvez o curso fosse menos científico?

VLSC: É, e realmente ele era né. Ele era mais pragmático, digamos assim. Mas aquela ideia de o saber fazer então bastante atividades de laboratório, era importante ter as oficinas né para parte de mecânica, então...

RCP: E aí a gente percebe que pode ser dessa...dessa mentalidade que hoje a gente não vê o centro investindo tanto em pesquisa dos alunos aqui? Não é o principal foco.

VLSC: Com certeza, mas a construção do conhecimento sem a pesquisa ela fica meio... meio complicada. Porque digamos que essa tese, eu não estou defendendo nem estou... nem estou criticando. Digamos que essa tese de que a pessoa está trabalhando lá no mercado de trabalho, ela tem...ela está trabalhando lá na Volks, ela tem uma experiência muito grande acumulada lá e ela traga isso para dentro da sala de aula. Pode ser que aconteça, olha os estudos de caso e tudo que liga os problemas que ele conhece lá da produção do automóvel, ele vai trazer para discutir em sala de aula. Não tenho dúvida. Mas vai ficar só na oralidade né. Isso não vai ficar documentado. Então é uma... acaba até se perdendo, ao passo que se você falasse para aquele professor, olha professor tudo bem é interessante, nós queremos sim, mas você tem que ter um tanto de horas para deixar isso documentado, escrever casos a respeito de gestão da produção na indústria automobilística, escrever artigos, vamos fazer discussões aqui, é problema de metodologia, vamos ter uma formação em metodologia. Então a pesquisa ela cuida de tudo isso e acaba documentando esse conhecimento aí, torna explícito o conhecimento que é implícito né.

RCP: Porque teve um momento aqui...

VLSC: Porque a oralidade não faz isso sempre.

RCP: Teve um momento que a Fatec, ela trabalhou, é... ela bebeu das águas da Unesp né, vamos dizer assim...

VLSC: Ah... Esse problema é da Unesp? Eu diria que essa vinculação nunca foi um relacionamento muito amistoso...

RCP: Claro...

VLSC: Muito claro, não diria nem que foi com inimizades né, mas eu diria que ele não foi muito claro. A contribuição que a Unesp poderia ter dado, não a Unesp e os seus cursos, ela não defende curso de tecnologia tanto é que ela tinha em Bauru, ela incorporou e ela fechou né, transformou tudo em curso de engenharia. Então essa discussão, é uma discussão muito dentro do Centro Paula Souza, não é uma discussão da Unesp. A Unesp poderia ter ajudado, ter feito... incentivado a formação dos professores, só recentemente por causa do Inova que se estabeleceu um convênio que está abrindo pós-graduação e tal para o nosso pessoal. Mas quanto tempo tem que existe esse vínculo né com a Unesp? Na verdade, assim, o governo deu autonomia, tinha autonomia para as Universidades, e tinha lá uma autarquia de regime especial, o que faz com ela, joga lá vincula com a Unesp. Ele queria acabar com os institutos isolados né, quando criou a Unesp, porque era um monte de faculdades isoladas, tudo pendurado lá na Secretaria de Tecnologia. Então ele falou, vamos criar a Unesp e juntar todos os institutos, mas o Centro Paula Souza não era o perfil de todos os demais institutos, e a Unesp levou anos também para se acertar com esses institutos né, para poder realmente... tanto é que eles mantêm o nome né o Ibilce lá em São José do Rio Preto continua sendo Ibilce né, eles mantêm esses nomes, o instituto de artes do Planalto que não está mais no Planalto, está lá perto da Barra Funda, continua com esse nome né. Eu diria que o Centro Paula Souza não bebeu de nenhuma fonte da Unesp, nem a Unesp se incomodou com isso. Não foi uma coisa trabalhada, poderia ter sido, mas não foi.

RCP: Uma parceria né, porque poderia sair uma parceria legal aí.

VLSC: Porque o Centro Paula Souza tem um problema até financeiro aí, a Unesp recebe daquele conjunto lá do ICMS né, ela tem o percentual dela. O Centro Paula Souza não. Ele tem um regime, um orçamento próprio. E o nosso orçamento, tudo bem que a gente não tem só as faculdades, mas eu diria que o percentual do que... se for fazer o cálculo do orçamento do Centro Paula Souza não deve estar muito distante do que a Unesp recebe hoje pelo ICMS. Só que nós temos uma outra realidade né, um outro número de... uma quantidade imensa de alunos nas escolas técnicas né, nós não temos só as faculdades, então não vejo isso não, mas pode ser que eu esteja errada. Vamos ver se daqui pra frente com esse convênio aí.

RCP: Tomara né. E da grade curricular na época, a senhora se lembra? Porque 2 anos né...

VLSC: É, era... a carga horária era bem próxima da carga horária do que é hoje... eu tinha 6 aulas no dia, 7 conforme o quadrimestre né, mas mudou muito em termos de conteúdo

até porque a realidade toda mudou né, não tinha... não tinha como ficar com aquela mesma estrutura curricular.

RCP: Enquanto aluna, o que a senhora sentia em relação à matemática ensinada?

VLSC: Ah! Era bem diferente do que é hoje... (risos) Era bem mais matemática, era uma formação mais pesada em matemática. Tinha assim, três cálculos, tinha três disciplinas de Cálculo certo, tinha disciplina de Cálculo Numérico, Estatística, Pesquisa Operacional não tinha, eles colocaram depois com programação linear, mas tinha uma disciplina muito forte de lógica né, logo no início do curso dando cálculo proposicional tudo, era bem puxado, não era fácil não. Tanto é que da minha turma, eu sou da terceira turma da Fatec São Paulo, da minha turma só dois se formaram.

RCP: De quantos? De quarenta?

VLSC: De quarenta. Quarenta não, acho que oitenta, eram oitenta. Quarenta no diurno e quarenta à noite. À noite o curso tinha um ano a mais de duração. A noite o curso durava três anos.

RCP: Três anos.

VLSC: Três anos. No diurno é que durava dois anos porque se tinha 6 ou 7 aulas por dia, e a noite não dava, não cabia, mas o pessoal tinha aula de sábado direto e o curso dava um ano mais. E eles tinham, nós tínhamos uma Matemática mais pesada do que é hoje. Hoje está bem reduzido o conteúdo de matemática eu diria dentro dos cursos. Mas também aumentou de outros componentes, porque também tem isso né, a matemática ela está em tudo, se você quiser dar uma disciplina com embasamento maior em matemática na sua própria disciplina você dá, certo? Pode abordar né? Você pode dar teoria de sistemas como a gente tem que dar, pode dar de uma maneira mais conceitual, mas também pode fundamentar com o que existe na matemática, então...

RCP: E os professores faziam isso? Conseguiam...

VLSC: Não, na época tinha mesmo as disciplinas da formação geral que a gente fala né, do ensino básico aí, básico é meio estranho essa palavra, mas a formação geral, era bem mais pesada do que é hoje, tanto em termos de carga horária quanto em termos de conteúdo mesmo. Eu acho que os estudantes também davam mais conta.

RCP: Mais conta né...

VLSC: Mesmo assim, mas o índice de reprovação era bem alto. Dois da minha turma, eu e mais um.

RCP: E por causa da matemática... Acho que sim também né?

VLSC: Eu acho que por causa de tudo.

RCP: De tudo né.

VLSC: De tudo. Acho que era bem puxado, o cara precisava ter assim, não tinha sábado e não tinha domingo, se quisesse passar tinha que sair da aula e dar continuidade nos trabalhos, nos programas que desenvolvia né, no estudo.

RCP: E uma vez formado o aluno já ia para as indústrias?

VLSC: Ah sim...

RCP: Atendia ao mercado de trabalho?

VLSC: Não tinha muito...

RCP: Oferta, demanda?

VLSC: Não tinha muito problema não né. Até porque se formavam poucos né, as vezes entrava muito... acho que começou a entrar no ritmo assim uns 5 ou 6 anos depois de formar mais ou menos a mesma quantidade do que entrava né. Mas a evasão ainda é grande, tanto... no curso superior em geral né, não só... E na área de ciências exatas nas engenharias é alta a evasão.

RCP: Naquela época o tipo de vínculo empregatício era CLT também?

VLSC: É. O professor sempre foi CLT.

RCP: Sempre CLT.

VLSC: Sempre. A única coisa é que até 74 os professores, que não é o meu caso né, mas quem ingressou até 74 eles tinham ainda um regime lá um pouco especial que eles tinham direito a uma complementação de aposentadoria que o próprio Centro Paula Souza paga né, como tem nas universidades, mas isso quando o Laudo Natel assumiu, cortou E não tem mais, não teve mais. Então são poucos casos né, aqueles primeiros que se ainda estiverem vivos tem alguns que recebem aposentadoria integral.

RCP: Atualmente a senhora ministra quais disciplinas?

VLSC: Hoje eu dou Sistemas de Informação... sistemas de informação.

RCP: Só? Certo.

VLSC: Eu leciono sistemas de informação. Só essa disciplina. Ah o que que eu ia te falar, eu estava falando dos IUTs né, que eu não terminei. Eles têm três possibilidades nas formações de primeiro ciclo. Então a primeira possibilidade é você ter muito forte só formação geral. Por exemplo se você pleiteia depois ir para engenharia, você teria uma formação Matemática e Física pesada, dois anos certo? Então quando você entra pra uma escola de Engenharia lá, você já vai começar a formação de primeiro ciclo, e isso dá direito

ao diploma lá que eles chamam de diploma de estudos superiores, uma coisa assim. Aí tem o IUT, que é uma formação... é um instituto universitário de tecnologia que ele funciona dentro da universidade, dando as formações de primeiro ciclo dentro da universidade. Esse de formação mais geral pode funcionar dentro da Universidade ou não, pode ser dentro dos liceus, os liceus que são os colégios deles equivalente ao nosso segundo grau, os liceus que são assim mais fortes e tal no ensino, eles podem dar essa formação mesmo dentro do IUT...dentro do liceu, mas é só matemática e física, um aprofundamento para poder encarar o curso de engenharia lá na frente, o professor de engenharia não vai falar nada de Cálculo 1, integrais, derivadas, ele vai começar a dar as aplicações direto do que ele precisa de matemática. Isso dá um diploma, aí dos IUTs tem um diploma que é chamado DUT, que é um diploma universitário de tecnologia, e esse diploma então você pode trabalhar numa... porque você tem uma formação específica e ele assim... digamos... é uma coisa mais equilibrada entre formação geral e formação técnica, o outro é 100% geral, esse aqui já é mais equilibrado. Então os percentuais variam de acordo com a formação né, então uma área que precisa de mais cálculo é clara que ela vai ter 50% e 50% da outra, uma que não precise vai ter menos cálculo, menos formação geral na área de matemática e mais a formação técnica. E depois eles têm um que o liceu pode emitir o diploma, coisa que não é IUT, o Liceu pode dar essa formação e que ela é assim quase que totalmente uma formação técnica, é 25% só de formação geral. Seria um curso técnico ampliado vai, uma melhoria, um aprofundamento numa área técnica né. Então, tem essas três possibilidades, tudo isso vale como diploma de primeiro ciclo universitário. Na casa da tutora que eu fiquei que é a madame Aimar, quando eu fui para a França, ela havia feito um primeiro ciclo em Física, aí não gostou, achou que não era a área dela, ela não queria ser física. Mas ela terminou o primeiro ciclo universitário dela em física geral, formação geral, aí...

RCP: Dois anos?

VLSC: Dois anos. Aí, como ela não quis ir para essa área, ela pleiteou, ela gostou mais da parte que tinha de teoria matemática em cima do...(risos) em cima do assunto de física. Aí ela foi fazer o segundo ciclo em Matemática. Aí ela falou bom, mas matemática também vai sobrar pra mim área de pesquisa ou ir para a docência, eu não estou querendo, eu acho que vou fazer uma formação de terceiro ciclo, que é um doutorado, mas vou fazer numa área nova que está surgindo aí, porque ela já era mais velha que eu né, então ela deve ter pego lá o início da computação lá na França, acho que eu vou fazer com... acho que eu vou fazer informática, eu vou fazer computação, aí ela foi fazer o doutorado nessa área, em engenharia de software.

RCP: O segundo ciclo quantos anos?

VLSC: Quase tudo é dois anos.

RCP: Quase tudo dois anos...

VLSC: E então você pode ter uma formação, uma mestrado de... varia, mas você pode ter uma mestrado aí de 6 anos...

RCP: Seis anos...

VLSC: É né, que seria o equivalente ao nosso bacharelado né. Mas varia, tem formações lá...Aí ela foi fazer o terceiro ciclo que é um doutorado, bom 2 anos né, 2 e 2 é 4, 2 anos, 4 anos. Aí ela foi fazer o doutorado nessa área de computação, foi fazer Engenharia de software. Então você vê o perfil né, física, matemática e ciência da computação. Lá as pessoas podem ter esse tipo de perfil assim mais aberto né.

RCP: E quando a senhora foi pra lá, foi... já estava no Centro, já trabalhava no Centro Paula Souza?

VLSC: Já, já. Isso aí eu já estava trabalhando há 20 anos no Centro Paula Souza.

RCP: E vocês pensaram? Foi em um acordo, foi um convênio?

VLSC: Não foi um acordo, foi um convênio.

RCP: Um convênio com a Capes?

VLSC: Ah, um convênio com a Capes e o governo francês...

RCP: De quanto tempo?

VLSC: Teve esse convênio. Esse convênio eu fiquei um ano lá.

RCP: Um ano?

VLSC: Quase um ano. Não deu 10 meses, mas teve toda a fase de preparação e tal da língua, apesar que eu tinha francês no... tinha uma base de francês, mas nós tivemos uma preparação para ir e o Chíxaro foi para a Alemanha.

RCP: Pra Alemanha...

VLSC: Na mesma época. Porque o convênio era com o governo francês e com o governo alemão. Pena que não fez na mesma época com o governo inglês para ver a...

RCP: E esses convênios não existem mais?

VLSC: Não, da Alemanha foi o (DAD), pra França foi só para os IUTs, eu não lembro qual era o organismo que cuidava, se era direto no ministério da educação deles, eu não lembro... não lembro... porque lá tudo é público né, a França não tem muita escola particular, então eu sei que era com o governo, mas eu não sei o órgão certinho, e com a França foi com as *hochschule* ops, a França foi com os IUT se Alemanha foi com as *hochschule*. Nós não fomos para a Inglaterra, poderia ter ido na época né, para estudar o sistema lá.

RCP: Aí voltava para o Brasil e...

VLSC: É para discutir a estrutura curricular...

RCP: E colocar em prática né, seria...

VLSC: Quando eu fui para a França, depois nós recebemos os franceses aqui também, quando eu fui nós fomos em 16 professores, 4 do Centro Paula Souza, 4 do CEFET do Rio de Janeiro, 4 do CEFET do Paraná, e 4 de Minas Gerais CEFET, antigo CEFET que agora é tudo Instituto Federal.

RCP: Isso tudo com convênio, com bolsa?

VLSC: Com bolsa, bolsa e o nosso salário daqui, do afastamento daqui o nosso salário ficou aqui e a gente recebeu bolsa pra poder... não era uma bolsa assim... dava para pagar as despesas de acomodação lá, de hospedagem, porque a frequência a curso, nós não ficamos muito em cursos, nós ficamos mais em palestras, conversa com os professores mesmo, visitas técnicas a indústrias, aos IUTs, entender como que era o sistema francês, ter essa compreensão né. E os IUTs, tem muitos IUTs que eles vieram das escolas técnicas né, eram escolas técnicas que foram transformadas em IUTs, mas quem gerencia o IUTs é a universidade. Então ele é um programa dentro da universidade. Quer dizer, é um jeito que a universidade tem de se ligar com o mercado de trabalho formando esses profissionais aí. E hoje como eu falei, eles estão fazendo além do IUT, o cara faz 2 anos de IUT e faz mais um ano dessa formação profissional específica, que é 6 meses na universidade e 6 meses na... eles chamam de licença profissional, agora lembrei o nome, chamam de licença profissional que é o nome que veio copiado de Portugal, porque Portugal chama de licenciatura. Licenciatura não é só... aqui a gente usa muito a licenciatura para educação, licenciatura em Portugal é para todas as formações né, e a França chama essa formação aí de licença profissional, e essa licença é isso tem que ser... obrigatoriamente tem que ter o envolvimento de empresas.

RCP: E esse tipo de curso não dava direito como uma pós-graduação?

VLSC: Não. Nem se discute isso porque lá está tão embutido essa coisa do primeiro ciclo, segundo ciclo, todo mundo trabalha assim, primeiro ciclo, segundo ciclo que ninguém pleiteia sair do primeiro ciclo e ir direto para o terceiro né, não tem isso. Eu dei a história da... falei da história da... mas também não é uma coisa que você fica estancado, você fica parado, o seu primeiro ciclo pode ser aproveitado em qualquer segundo ciclo, se você fez Física, você quer fazer o segundo ciclo em Ciência da Computação você pode, você vai fazer a prova, eles vão dizer para você o que falta em termos de nivelamento, sempre tem né, sempre tem um tipo de nivelamento que eles fazem, se tiver faltando alguma coisa para aquele curso que você está pleiteando, eles te orientam. Aí você pode fazer esse nivelamento, eles te dão um prazo lá e você pode fazer em qualquer lugar. Então não tem essa coisa porque a pessoa para poder ir para o terceiro ciclo tem que ter feito o segundo. Mas ela pode fazer um de gestão por exemplo de duração de um ano e depois fazer a pós né.

RCP: Teve um momento da minha entrevista com o professor...

VLSC: É diferente de *hochschule*, as *hochschule* é terminal o curso né, você já pode fazer a pós-graduação depois da *hochschule*.

RCP: Teve um momento na entrevista com o professor Chixaro que ele comentou que ele correu atrás do mestrado porque houve um certo murmúrio lá em São Paulo, que se o professor não tivesse mestrado ou alguma coisa poderia correr risco, perder suas aulas...

VLSC: Teve mesmo. Teve um momento em que a gente... agora eles não fizeram mais, a primeira grande reestruturação da carreira eles fizeram isso, eles colocaram a gente num quadro em extinção e só faziam concurso com o novo quadro e ficou meio congelado, não podia... só tinha os aumentos de lei, mas não podia... não tinha plano de carreira, mas foi depois revogado isso, voltaram atrás e...

RCP: A senhora chegou a fazer alguma pós ou não?

VLSC: Não eu na verdade comecei e não terminei...

RCP: Sim...

VLSC: Umas três... (risos)

VLSC: Eu faço aí chega no dia... eu faço as disciplinas tudo... essa última agora eu estava até com orienta... estava até com trabalho assim mais ou menos encaminhado, mas... Não, normalmente... a primeira vez eu parei porque eu fiquei grávida da minha filha, eu estava fazendo lá na USP na Administração, e eu tinha terminado as disciplinas e estava na fase já de definir o trabalho. Aí eu parei porque minha filha nasceu e um dia eu desmaiei dentro do metrô com ela no colo. Aí o médico falou o que você está fazendo? Eu falei assim ah, eu levava minha filha de manhã para creche lá na Fatec, trabalhava o dia inteiro, e dois dias da semana eu ia para o mestrado né, então era uma vida assim... terrível.

RCP: Louca...

VLSC: E aí o cara falou olha, da sua filha você não pode desistir, então alguma coisa você tem que desistir, você tem que parar, porque você não vai dar conta mesmo. Então está bom. Aí eu parei. Aí retomei depois abriu no Centro Paula Souza e eu fiz já tinha feito a qualificação, não deu tempo de terminar de escrever o trabalho que era sobre quase que uma espécie de história assim da graduação em tecnologia, que eu ia tentar... ia tentar não, levantei bastante coisa, podia ter escrito. Por isso que eu falei que eu tenho um trabalho que fala, eu vou tentar achar em casa e vou te trazer, a história dos cursos, é um livro da SBC - Sociedade Brasileira de Computação, é interessante esse livro mas não tem assim livreria, mas foi publicado pela SBC. É sobre a história dos cursos de graduação na área de computação e tá lá, não é assim... eles deram mais foco para a ciência da computação, mas tem lá um pouco dos cursos de tecnologia. Se eu achar o livro eu te trago.

RCP: Tá, obrigada.

VLSC: Aí eu tive um problema de catarata no olho, fiz a cirurgia e dei uma parada, aí sabe quando você perde o ritmo? Aí pronto. Aí tem uns rolos lá também, a pessoa que eu estava trabalhando ele...ele não se entendia muito bem com quem era a coordenadora lá da pós, ela não se entendia com ele e ele não se entendia com ela. Aí começou, como eu trabalhava com ele, ela começou a ter assim um certo... sabe querer ficar dando recado por mim, ela, ele não, ele nunca me pressionou em nada, mas ela começou a me pressionar. Aí eu falei quer saber eu vou fazer isso aí depois. Aí fiz uma particular em Ciência da Computação mesmo, fiz todos os créditos e tal, tinha uma professora que era minha orientadora ela ficou até brava comigo, já estava com o trabalho assim, eu diria uns 2 ou 3 capítulos já escritos. Aí eu falei ah eu já estou com 64 anos, eu vou fazer o que com um mestrado, não vai adiantar mais nada pra mim. (risos)

VLSC: Entendeu? Que contribuição que eu vou poder dar... nem é questão do que o curso vai poder me dar, mas que contribuição eu vou poder dar ainda para essa área. Aí eu falei ah, quer saber, tá na hora de eu me aposentar já, deixa pra lá.

RCP: Mas assim, pra gente finalizar, como é que a senhora poderia resumir a história do Centro, das Fatecs num contexto? Porque é uma vida né, dentro da instituição...

VLSC: Eu diria que a realidade hoje é muito diferente de quando eu entrei, certo. De 2 faculdades nós estamos com 66, de sei lá, tinha 13 escolas técnicas né num certo momento aí do Centro Paula Souza, aí de repente a Secretaria de Educação fecha um... tinha 13... 13... tinha 6 no começo, que eram 6 que o governo federal tinha construído, tinha dado problema, não deu continuidade e tal aí vieram para a gente, depois mandaram mais umas 7 lá que eram ligadas com o governo estadual. Aí o governo estadual tinha uma rede, eu não lembro nem quantas escolas eram, mas acho que eram umas 80 e poucas, nem era o número que tem hoje, pegou essas escolas e falou olha Centro Paula Souza você que vai gerenciar, da antiga DISAETE né. E hoje a instituição nem sei quantas escolas técnicas têm, mas ela tem 260 mil estudantes de ensino técnico, ela tem classes descentralizadas das escolas técnicas, mas esse dado é fácil de levantar no site. Ela tem mais de 250 escolas que eu saiba técnicas né, e faculdades acho que está com 66. Então, é muito, nós saímos de 2 faculdades, depois fomos para 9, depois fomos para 21, e de repente agora estamos com 66 né. Então o crescimento, nós temos mais vagas sendo ofertadas hoje de cursos do que tenha USP ou do que tem a Unesp. Nós temos mais vagas, se você for olhar as vagas em oferta de curso, a nossa quantidade é bem maior. Eu acho que teve um crescimento, agora precisa ver crescer também... em termos quantitativos teve esse crescimento, eu acho que precisa haver também um crescimento qualitativo né.

RCP: Sim.

VLSC: Mas acho que isso é um processo. Acho que chega lá também.

RCP: Uma política também de governo né?

VLSC: Ela está dentro de uma política de governo e vem assim, as vezes capenga um pouquinho né, um governante não entende bem a proposta e não quer dar continuidade,

mas depois dar continuidade e quer até expandir, foi o caso do Mario Covas né, o Covas quando ele entrou e queria ficar só com as escolas técnicas. Ele queria fechar as Fatecs, certo? Aí depois viu que não era por aí, ele resolveu expandir. Aí o Alckmin veio na sequência e explodiu mais. Aí o Serra veio na sequência e expandiu, ah ele fez 30, não, vou fazer 60, certo? O dobro, a expansão maior foi com o Serra. É uma política de governo, eu não acho inadequada, eu só acho que precisaria estar mais conversado com as universidades, acho que isso aí está faltando na universidade, mas as coisas acontecem, o mercado se a universidade não faz, se o governo não faz, o mercado faz não é.

RCP: Sim.

VLSC: Então é o que está, é o que acontece com a gente. O federal resolveu comprar vagas no sistema privado né, e o estadual não quis ir para esse caminho por esse caminho, resolveu ter outras ofertas que pudessem atender também. Que estado que tem três universidades públicas? Tem estado que nem tem estadual né. Aí mais recentemente é que alguns estados começaram também a colocar suas universidades estaduais para funcionar, então eu acho que está dentro desse espírito aí de ocupar a parcela da juventude e ver se encaminha para o emprego, pra trabalho. Todo mundo precisa trabalhar, precisa pesquisar também, mas precisa trabalhar.

RCP: Com certeza.

VLSC: Precisa construir o conhecimento, mas precisa estar capacitado para entrar no mercado de trabalho. Só que a gente não tá conseguindo... tá percebendo cada vez mais dificuldade com a falta dessa qualidade, porque em termos de qualidade a gente precisa crescer em todos os níveis, não só nos cursos de tecnologia e não só no ensino superior. Em termos qualitativos nós temos que repensar bem todo o Ensino Básico, toda a estrutura. Voltar a ter o ensino mais interessante né, mais atrelado a realidade das pessoas.

RCP: Não é...

VLSC: Não é um ensino... porque às vezes o pessoal fala assim ah, é barato né, põe curso de tecnologia porque dura menos, 2 anos, não é barato porque você tem que ter um investimento em laboratório né. Tem cursos que são mais baratos? Tem, tem os cursos na área de gestão, de logística, são cursos mais, digamos... demandam menos questões de laboratório. Mas tem alguns cursos, nós temos alguns cursos pesados na área de Petróleo e Gás, Mecânica né, na área de engenharia mecânica, então...é você falou, perguntou de demanda de vestibular, nós sempre tivemos problemas com os cursos na área de civil.

RCP: De civil?

VLSC: É, sempre, principalmente um curso lá que é ligado à Construção de Estradas, esse curso sempre teve problema em São Paulo, mas... tem problema de demanda, mas o curso tem 2 candidatos, 3 candidatos por vaga né, mas esses são os cursos que sempre tiveram problema lá em São Paulo, eles não são... não tem muitas unidades né, eles vão ter lá na Fatec Tatuapé, e eu não sei mais onde tem construção civil não, eles não têm muitos

lugares. Agora o que a gente tem que cresceu bastante foram os cursos na área de TI, de logística porque ele tem um mercado de trabalho que emprega bem, de gestão agora também o pessoal tem investido bastante, e as tecnologias de alimentos que é uma área que surgiu.

RCP: Tecnologia de Alimentos, Gastronomia, alguma coisa no setor...

VLSC: É, gastronomia eles têm só no ensino técnico, eles têm tecnologia de alimentos mesmo, a parte de produção industrial de alimentos que está aqui em Marília. Agronegócio que é uma área um pouco economia, um pouco gestão e um pouco produção né, que são cursos que cresceram bastante, mas tem na área de Automotiva lá em Santo André, são cursos caros, não são cursos baratos não, em termos de laboratórios né que precisam existir.

RCP: Bom, professora, eu agradeço a sua contribuição e agora a gente vai fazer a transcrição, e vou fazer a textualização, depois eu devolvo para que a senhora possa se reconhecer nesse texto né, como se eu mesmo, e aí uma carta de cessão para que eu possa torná-lo público.

VLSC: Ah! Por mim não tem problema.

RCP: Tá bem? Mas a gente faz...

VLSC: A gente só vai tomar cuidado em não falar mal da Unesp viu. (risos)

RCP: Agradeço...

VLSC: Não porque o Centro Paula Souza ele é vinculado e associado à Unesp, então o vínculo é uma coisa mais burocrática, é um vínculo, tá lá ligado porque não tem, pendura lá porque não tenho onde pendurar tá? É burocrático. Agora, o associado, porque Hospital das Clínicas em São Paulo ele também é uma autarquia de regime especial, o que que significa ser uma autarquia de regime especial, só as universidades e os centros de pesquisa que tem esse espaço, então é muito, não é pouca coisa não, significa que você tem autonomia para definir que filosofia de trabalho você vai adotar né.

RCP: Sim.

VLSC: É uma autonomia dentro de uma política de governo? Sim, mas você tem autonomia para fazer os seus cursos, o governo não interfere, pra fazer a sua grade curricular, pra fazer o seu plano de carreira dos seus professores, depois tem que ser aprovar no governo, mas você tem plena autonomia para propor e para fazer né, não depende de Poder Legislativo nada disso. Isso é forte. Esse regime especial aí é uma coisa forte né organização da instituição. Eu acho que ela até usou um pouco disso, ela foi usada mais recentemente, porque hoje nós estamos com autonomia, nós registramos os nossos próprios diplomas, nós estamos com autonomia como centro universitário técnico, é quase uma autonomia de universidade mas não é total porque a gente não tem a autonomia financeira né. Nós temos as costas certinhas para gastar, nós não podemos mudar dinheiro

de conta para conta, não podemos fazer. Bom, então o Hospital das Clínicas ele é vinculado e associado à faculdade de medicina da USP. O que é que significa isso? Todos os programas de residência da USP, por causa do associado, o vinculado é uma coisa mais burocrática. Então eu acho que nós poderíamos, sempre se brigou pra gente se desvincular da Unesp, pra tirar esse vínculo aí, e nunca se fez porque depende de uma lei, tem que mexer na lei que cria a Unesp não é só no nosso né, aí nunca se mexeu nisso porque é complicado, tem que mexer com muita coisa e tal, mas a Unesp defendeu muitas vezes que se fizesse, que se alterasse a lei e tirasse a gente de lá tá. Por isso que eu falo que não é uma coisa de inimigos, mas também não é assim essa Coca-Cola toda. Agora o associado, o associado é justamente você se associar pra definir uma parceria para trabalhar em conjunto. E isso nunca foi feito.

RCP: Entendi.

VLSC: Isso é que poderia ser feito. Ser explorado como Hospital das Clínicas faz, eu sou associado com a medicina, eu tenho autonomia, eu tenho dinheiro, eu tenho orçamento próprio, eu sou vinculado à universidade de medicina e tal porque a faculdade de medicina, porque eu trabalho com a saúde e a política pública do governo do estado que definiu o que eu sou o hospital da faculdade de medicina. Mas eu tenho o meu orçamento próprio, certo? Eu tenho os meus recursos que a universidade não põe a mão, eu que gerencio e eu recebo de outras fontes que não a fonte da universidade, além de receber da universidade. Mas como é que eu me associo com a universidade, eu não tenho só o vínculo burocrático pra dizer que é um médico, que é da área de medicina, que é esse corpo técnico aí que vai ajudar a definir as diretrizes do hospital, não. Fora isso eu estou associado, todos os programas de residência são dentro do Hospital das Clínicas, tanto é que a faculdade de medicina além das Clínicas ela tem o Hospital Universitário lá dentro do campus, certo? Pra você ver que se você quiser se associar né com outras, o Hospital Universitário ele é como se diz, a unidade da faculdade de medicina, é diferente das Clínicas que é só vinculado e associado e tem autonomia para gerenciar o orçamento dele.

RCP Entendo.

VLSC: Então a Unesp, nós, o próprio Centro Paula Souza poderia ter trabalhado melhor essa questão do associado, e ter trabalhado com formação de grupos de pesquisa em outras áreas né. Esse povo mais, esse pessoal que trabalhou no mercado de trabalho, que era do mercado de trabalho, que veio ser docente, a universidade tem muito preconceito, e a Unesp é a que menos poderia ter preconceito. Porque quando ela foi transformada, quando pegou os institutos isolados e transformaram em universidade ela já tinha um monte de professor que não tinha formação, não tinha mestrado, não tinha doutorado, não tinha nada. E eles criaram lá aqueles mestrados e doutorados pela Congregação da unidade, que você fazia uma prova e tal, 70% da congregação aprovava você passava o título para pessoa né. Tem vários e ainda estão hoje atuando na Unesp, que não teve essa coisa mais formal e a Unesp poderia ter feito algo pelo nosso pessoal sim. Aqueles professores que se destacavam na área de mecânica, que poderia ter uma contribuição, mas que já estava assim com bastante idade, com bastante experiência, vamos trazer esse povo, vamos ver que contribuição eles têm para dar, vamos fazer um grupo de pesquisa em conjunto né, estudar a produtividade das indústrias na área de produção, estudar

problemas na área de indústria automobilística, da construção civil, porque o que a gente tem de material que desperdiça na construção civil...

RCP: Sim.

VLSC: Não poderíamos juntar com os professores, tem os bambambãs lá na Fatec São Paul, uns nomes assim mais... mas é tudo gente que veio do mercado, mas a Unesp, o pessoal fez pouco nesse sentido né. Então eu acho que essa questão do associado poderia montar um grupo de pesquisa comum, e o professor doutor da Unesp na área de Engenharia pegar um dinheiro lá na Fapesp que ele podia ter acesso e a gente não porque não têm titulação, mas ele tinha acesso, fazer projetos em conjunto, pegar recursos na Fapesp né, mas não foi feito.

RCP: Entendo. (risos)

VLSC: Não sei se um dia será, eu acho que vai porque com a criação lá da agência de inovação, porque o que que é a pesquisa na área de tecnologia né? É você trabalhar pra que tenha inovação na indústria, pra que a indústria se renove e tal, e esse é um vínculo importante, mais importante não só trazer o professor de lá para cá, mas é você ir como este professor pra lá pra ver os problemas que tem lá e com os seus alunos resolver problemas lá né. Tem desafios para ser colocados, é isso que a *hochschule* faz. Por isso que eu falo que a *hochschule* faz melhor esse trabalho. Todo o trabalho de graduação do Estudante tem que ser feito dentro da indústria. Não tem esse negócio de fazer o trabalho que você quer não.

RCP: Parceria mesmo né?

VLSC: Tem umas parcerias que eles têm os temas, tem os problemas que a indústria traz os problemas para a universidade e põe lá o professor e o estudante pra... agora você não pode fazer isso com professor diarista que só vem duas vezes por semana na escola, tem que ser professor dedicado. Então aí aquele professor que vem só do mercado de trabalho... a Alemanha aceita que o cara saia do mercado de trabalho, eles têm umas parcerias lá que eu acho bem interessantes que nós poderíamos desenvolver aqui também, a França também tem. Você pode continuar professor, se afastar, receber o salário de professor, o estado te paga, você se afasta das aulas e pode ficar dois anos trabalhando na indústria, e a indústria pode até te dar uma ajuda de custo se ela quiser, mas o estado permite que você faça isso. Então é uma forma de você trazer de lá pra cá, mas levar daqui pra lá também né.

RCP: Sim.

VLSC: E a França eles têm um ano sabático, que eles usam muito pra fazer esse tipo de coisa. Ah, sei lá, eu dou aula de problemas na linha de produção de Coca-Cola sei lá, de refrigerante, diminuição do uso de açúcar na produção de refrigerante, aí eu quero ficar um ano numa empresa de produção de refrigerante tentando ver os problemas, tentando descobrir uma forma para reduzir o açúcar, testando fórmulas, usar o laboratório da indústria quando tem né, usar o laboratório da indústria aí faz uma parceria com a indústria

e o professor fica um ano lá recebendo seu salário. Só que o ano sabático na França é mais livre, o da Alemanha é bem fechado, só vai para esses negócios de indústria mesmo, para fazer um estágio ou pra fazer algum curso, alguma coisa assim. Agora a França você pode falar ah, eu quero um ano sabático porque eu estou com saco cheio, eu quero viajar a Europa inteira. O problema é teu, pode fazer, não tem problema nenhum. E eles tem que te dar depois de 7 anos você tem direito a pleitear o ano sabático, a cada 7 anos você tem direito.

RCP: Interessante, outra realidade. (risos)

VLSC: Outra realidade. É, eles têm várias realidades diferentes, porque que nem um negócio aqui da nossa progressão continuada em ensino básico que a gente copiou né, como é que funciona lá. Lá também tem, não pode continuar com o aluno de 10 anos junto com um aluno de 6, não fica. O aluno vai sendo empurrado para as séries seguintes, mas é diferente hein... o “empurrômetro” lá. É assim, você professor primário tem 25 estudantes no máximo. Então você fica 8 horas com aquela turma certo? Período integral. Porque eles têm período integral. Daí dá almoço, café da manhã, almoço, café da tarde e eles fazem campanha para a família dar janta para a criança, porque senão põe na cama direto para dormir, tira da cama e leva para a escola com roupa e tudo, porque a minha tutora ela fazia isso... (risos) Eu falava você não vai tirar o sapato do Alexandre, porque ele chegava dormindo, ah não assim ele já está pronto para ir para a escola amanhã, aí eu falava mas e o café da manhã e tal, ele não vai nem tomar banho, não ele toma café lá, ele toma café, lá eles tomam banho.

VLSC: Bom, toma café lá na escola, 10 horas vai ter alguma atividade de esporte, aí eles tomam banho depois da atividade de esporte. Ela manda a roupa, com aquela roupa ele fica o resto do dia, dorme com aquela roupa... (risos). Você acredita?

RCP: Totalmente diferente!

VLSC: Sete horas ela deixa, ela deixa as 7 da manhã e pega às 7 horas da noite. Ele fica 12 horas na escola.

RCP: E o nosso aqui né...

VLSC: Bom, e outra coisa que eles fazem, o professor tem poucos alunos, 8 horas, tem todas as condições de trabalho, 25 alunos no máximo, não pode ter mais. Aí tem os parâmetros curriculares lá nacionais que o Brasil copiou, só que os parâmetros curriculares são bem rigorosos. Então eles têm o que eles chamam lá de inspetor de ensino. O inspetor de ensino vai de surpresa na escola e aplica uma prova para saber se os alunos estão dentro daquele... daquilo que era previsto dos parâmetros curriculares. Por exemplo, tem que ter lido a fábula do... Ah Chíxaro obrigada, ela entregou pra você. Tem que ter lido as três fábulas do Esopo até os 8 anos de idade. Então cara vai lá e pergunta para o aluno ou para a turma né, e aí o que é que vocês leram, o quê que vocês gostaram, o que que vocês acharam, vocês acham que a raposa estava certa, não estava, aquela história. Pode ser oral ou ele pode aplicar uma prova também a critério dele. Aí ele vai fazer uma declaração lá que a classe, 70% da classe atingiu lá os parâmetros. Então tudo bem aí o professor os

30% que não atingiu ele vai conversar com professor e falar olha esse pessoal aqui está fora dos parâmetros, precisa dar um reforço ver o que você faz né, manda...parece que eles não leram a fábula e tal, fala com os pais, dá uma orientação. Mas é um inspetor. Se o professor não atingiu os 70% de alunos dentro do que estava previsto para aquela idade, para aquela época, o professor entra automaticamente num programa de requalificação ganhando 70% do seu salário, os outros 30% é pra ele pagar os cursos que o inspetor de ensino recomenda que ele faça. Ele que paga, não é o estado não. Só que acontece o seguinte, o professor morre de vergonha. Então o que que o professor faz? O professor morre de vergonha de entrar nesse programa. O professor se mata para que o aluno esteja entendendo lá as três fábulas pra hora que for cobrar, certo? Aí fora isso, quando chega com 10, quando a criança tem 10 anos eles aplicam lá uma prova lá pra saber se ela continua no regime propedêutico de ensino, que é o ensino mais geral. Se ela não tiver condições de continuar, não tiver com formação suficiente, eles vão obrigatoriamente pro tal do centro de aprendizagem, vão aprender Marcenaria, para de aprender coisas de formação mais geral, tem os cursos da área mais profissional, com 10 anos hein, vão aprender Marcenaria, coisas da introdução aí a outras profissões, Confeitaria, coisas que possam dar um trabalho pra ele depois. E ele vai ele vai estudar isso, mas continua estudando francês e matemática, eles tiram todas as outras disciplinas e tal e mantém só francês e matemática. Ele pode fazer depois de 1 ano a prova de novo, se ele passar em francês e matemática ele volta. O que acontece com os pais? Morrem de vergonha do filho ir para Centro de aprendizagem, eles não querem.

RCP: Eu pensei nisso, falei e os pais?

VLSC: Não querem que vá. Então os pais puxam a orelha, puxam o cabelo, faz o diabo pro bendito ter o mínimo lá no propedêutico.(risos) Só vai para o centro de aprendizagem mesmo quem... normalmente quem vai muito para o centro de aprendizagem é filho de imigrante, acaba não tendo a base de francês, isso é um dos motivos que cria muito problema lá, muita revolta, porque o adolescente foi para o centro de aprendizagem, a família não concordava, mas....E às vezes o centro de aprendizagem funciona na própria escola, dentro da própria escola, então aqueles 30% que o professor não consegue mesmo tirar do limbo...

RCP: Vai para o centro...

VLSC: Vai para o Centro de Aprendizagem, mas sempre tem avaliação. Então é assim a progressão continua, o aluno não aprendeu francês, está com 10 anos, você não sabe ainda isso, isso, aquilo, e aquilo outro, então não dá para continuar aqui no propedêutico, então continua mesmo. Aí depois de um ano ele faz a prova de novo, se ele melhorar aí ele pode voltar. Então é progressão continua porque não mistura mesmo, não tem aluno de 10 anos com aluno de 6, não tem, e lá começa com 6 anos né, não tem. Quando eu estive lá em 89 a grande discussão era, a França tem umas coisas interessantes, a grande discussão era ensino de inglês para a criança de 6 anos, porque eles odeiam inglês né, francês não gosta de falar inglês, e eles se odeiam lá entre eles. Aí a grande discussão era, vamos começar logo porque a gente aprende a escutar né, aprende a escutar, depois de escutar a gente entende, e aí a gente começa a falar. Então tem que seguir, para aprender um idioma e ter bastante gente proficiente em inglês, tem que seguir esse mesmo

esquema. Sabe aquele bate papo na televisão com psicólogo, com pedagogo, tem muito programa na televisão para discutir educação. Igual ao que é aqui... (risos). Copiar tudo às vezes não dá pra copiar os modelos né...

RCP: Sim, a realidade é outra né.

VLSC: A realidade é outra.

RCP: Mas é interessante conhecê-los. A gente fica pensando, repensando...

VLSC: E dava para fazer bastante coisa aqui no Brasil. Se não fosse tanta corrupção e tanto desvio de dinheiro dava pra ter ensino integral para as crianças, dava para ter professor com menos salas, com menos alunos, o professor não se deslocando de uma escola para outra, ficando numa...numa só turma 8 horas né. Professor aqui em matemática seria tudo reprovado né.

RCP: Sim.

VLSC: Os alunos não iriam atingir os índices que eles querem, então o professor aqui teria que ir obrigatoriamente para o programa.

RCP: Ia ficar com 30% do salário e 70% fariam curso... (risos)

VLSC: A gente pode até nem fazer isso porque o salário já é tão baixo, mas poderíamos no mínimo detectar as falhas na formação do professor e obrigar o professor a ser requalificar. Se ele se compromete a dar aula de matemática, ele tem que ter, o mínimo que ele tem que ter é conteúdo, é o mínimo, não é?

RCP: Sim.

VLSC: E lá se o professor não tiver, ele dorme trabalhando como professor primário.

RCP: E aqui não.

VLSC: Até nas creches, porque é um trabalho muito interessante. A diferença do salário também do professor universitário para o professor primário não é muito grande né. Na época que eu estava lá ganhava 8000,00 francos um professor, que dava o que, dava uns U\$ 4000,00 ou U\$4500,00, e o professor universitário e o professor primário era 14000,00 francos, 13000,00 francos entendeu? Não era uma diferença tão grande. Então dá para o camarada fazer uma carreira só na educação primária. Uma outra coisa que eu esqueci achei interessante nos IUTs, um terço dos professores são professores que vieram do segundo grau, então matemática, português, inglês, era professor que vinha do segundo grau, que eles chamam de professor agregue, professor agregado, ele é do Liceu, mas ele dá aula na universidade. Ele mantém a carreira dele lá no liceu e ganha um a mais. Outro terço de professores, era professores visitantes tipo temporário, assim, ele tem um contratinho mas é o departamento que contrata, não é o órgão máximo lá do estado que contrata, porque lá na França é tudo muito centralizado né... Então, e outro terço tinha que

ser professores, professor pesquisador, esse professor pesquisador a madame Aimar que eu fiquei com ela era *shersheuer*, porque ela tem um *doctorat de estat* que eles falam, é um doutorado de estado, o cara fez o doutorado na universidade mas prestou uma prova no estado, uma prova de títulos tal, defendeu uma tese e tal mas para o Ministério da Educação. Então tem um valor lá pra eles muito grande. É menos do que o diploma de uma universidade, quem tem diploma é um doutor, doutorzinho (risos), doutor de estado. Aí o professor pesquisador, então eles tem um terço que vem do segundo grau, quem das disciplinas de formação geral e tal é esse pessoal, outro terço é visitante, que é esse pessoal que está no mercado de trabalho, só que não precisa ser só para a disciplina técnica, por exemplo no ano que eu estava lá no IUT de Lyon, tinha um professor da Noruega que falava muito bem inglês e quase nada de francês e eles acharam superinteressante contratar esse professor para dar inglês, porque o tempo todo ele fala inglês com os alunos...(risos).

RCP: E realmente funcionou...

VLSC: Funcionou, então ele tava lá dando aula de inglês. Aí o professor pesquisador tem uma coisa interessante, por que eles organizam as aulas, eles têm um grande grupo que tem aquela primeira aula magna, lá funciona legal esse negócio de aula magna, então esse professor pesquisador que dá a aula magna, e o professor pesquisador então tem 100 alunos lá pra aula magna no auditório, então aí ele fala e dá uma visão geral da engenharia, eu assisti a Aula Magna da minha tutora. Dá uma visão geral da engenharia de software, é como se falasse tudo o que o estudante vai estudar no curso e não pode ser interrompido, ela fala quando é que vai poder interromper e fazer pergunta, e nada de barulho a disciplina lá e outra, é bem diferente, nada de barulho, nada de fumar, nada de tocar celular, não nem tinha celular na época como tem hoje. Mas era assim, entra no auditório quietinho, na hora já fala só vai fazer pergunta a hora que eu falar que é pra fazer, ela faz a conferência da aula, a apresentação, aí abre pra perguntas, é interessante porque eles perguntam bastante viu, mesmo sendo a primeira vez que eles estão vendo o assunto e eles questionam bastante coisas. Aí naquela aula que dura 4 horas, ela organiza 4 grupos de 25 estudantes, aí cada grupo de 25 estudantes tem um professor agregue, professor agregado para cuidar. Então ela cuida de quatro professores, ela tem uma turma de 100 alunos, mas ela praticamente dá aula no início do semestre né.

RCP: A inaugural....

VLSC: A inaugural. Só que ela tem um trabalho danado porque ela tem que coordenar esses quatro grandes grupos aí, esses quatro professores, e fazer todo mundo caminhar no mesmo ponto, e se não tiver caminhando ela tem que ir lá, ela vai lá para o laboratório ver como é que o pessoal está fazendo os projetos, conversa com os alunos né, entra na sala o professor tá dando aula ela entra (risos) o professor *shersheuer* é o responsável.

RCP: Shersheuer?

VLSC: É shersheuer, pesquisador.

RCP: Shersheuer...

VLSC: É, como é que é shersheré pesquisar, shersheueré, escreve s h e r s h euer

RCP: Será que eu lembro?

VLSC: Aí o professor pesquisador então é o professor mais querido, é ele que termina as avaliações, você faz... você tem um projeto para desenvolver naquele grupo lá, ainda divide em grupos de 5 dentro do grupo de 25, cada grupo de 5 tem um projeto para fazer, um desafio, quem define, não é igual, é diferente para cada um, e quem define os projetos é o professor pesquisador. Então ela vai lá no laboratório, ver como é que está sendo atividade, se está fazendo ou não está fazendo, como é que o grupo está se... entrevista com o grupo, eles trabalham assim com um negócio assim com fotografia, aí tem umas reuniões lá ah fulano fez lá, ela que aplica as provas, a prova ela que aplica, ah fulano teve hepatite mas veio fazer a prova, só que ele foi muito mal, aí outro professor mas quem é fulano, ah olha aqui... eles tem um... não é fotograma... eles tem um nome lá... aí eles olham lá naquele painel, a fotografia, a carinha, ah agora estou lembrado, é verdade ele ficou doente e tal, mas ah ele é bom aluno, o projeto dele está legal, tá dando assim, assim, assim, assado, então pode dar, dá os dois pontos aí que ele precisa está precisando. (risos)

RCP: É diferente o esquema assim.

VLSC: O professor agregado às vezes fica meio bravo né, quando o outro vem na sua sala especular se o aluno tá tendo aula do assunto, ele fica meio assim, ah professor pesquisador é ela, ela entra na sala e começa a pesquisar...(risos) e eles falam assim mesmo sabe, você sente ciúmes, mas funciona porque o camarada sabe que vai ser cobrado, e não vai ser cobrado diretamente com ele, vai ser olhado o que o aluno está fazendo né.

RCP: Vera muito obrigada viu.

VLSC: De nada.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

Faculdade de Tecnologia São Paulo

Faculdade de Tecnologia de Jaú

Centro de Memória

Unesp Bauru

História institucional

História da Matemática

Educação Matemática
Rosemeiry de Castro Prado
Vera Lucia Silva Camargo
Paulo Henriques Chixaro
Grupo de História Oral e Educação Matemática
GHOEM
Secretaria de Ciência e Tecnologia
Memórias da educação tecnológica
Engenharia Operacional
Engenharia Industrial
Tecnólogo em Processamento de Dados
Técnico em Nível Superior
Bacharelado em Sistema da Informação
Auxiliar docente
Estagiário
Projeto Ciranda
Embratel
IBM
Matemática
Física
Inglês
Português
Ciência da Computação
Convênio internacional
Creche
Tecnólogo em Construção de Estrada
Tecnólogo em Logística
Fatec Tatuapé
Inova
DISAETE
Professor pesquisador
Professor agregado
Professor visitante
Cotidiano escolar na França
Ano sabático
Centro de Aprendizagem

Marcenaria

Confeitaria

Tecnologia de Alimentos

Tecnologia de Gastronomia

Aula Magna

Engenharia de software

Inspetor de ensino

Dados Biográficos da Entrevistada



Vera Lúcia Silva Camargo, em 2016

Vera Lúcia Silva Camargo Graduada pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (1977-1978). Assumiu a docência na área de Computação desde 1977 (disciplinas: Linguagens de programação, Sistemas de Informação, Engenharia de software, Administração de Tecnologia da Informação e Ética Profissional em TI) e a chefia do departamento do curso de Tecnologia em Processamento de Dados, Fatec SP, de 1990 a 1993, bem como a direção da Fatec Jaú (SP), de 1995 a 1996, implantando o curso de Informática da instituição. Foi coordenadora do curso de Tecnologia em Processamento de Dados da Extensão do Campus da Fatec São Paulo e do curso de Análise de Sistemas e Tecnologia da Informação - ASTI. Assumiu a coordenação de Curso de Logística na Fatec Carapicuíba (2007), bem como a coordenação do curso ASTI, ali implantado, em 2008. Exerceu atividades de apoio na Administração Central do Centro Paula Souza – AESU – e aos projetos pedagógicos (2007), e coordenou a Coordenadoria de Ensino Superior de Graduação - CESU - para projetos pedagógicos de cursos de Tecnologia

(2009). Atualmente é professora do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Rosemeiry de Castro Prado, em 2018

Rosemeiry de Castro Prado Licenciada em Matemática pela Unesp Bauru (1989) e em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho (1992). Mestre em Educação Matemática pela PUC-SP (2003). Doutora em Educação para a Ciência - Unesp/Bauru (2018). Pesquisadora do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Professora de Matemática do Ensino Médio da Organização Aparecido Pimentel de Educação e Cultura, desde 1995 (Sistema Anglo de Ensino) e de Cálculo Diferencial e Integral da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec Ourinhos), desde 2008. Docente do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes - BASis). Coordenadora do Curso Ciência de Dados da Fatec Ourinhos/SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/9037046574064977>

Anexos: (Documentos sigilosos e não aberto online ao público):

Carta de Cessão de Vera Lucia Silva Camargo

Termo de Autorização para uso de Imagem de Rosemeiry de Castro Prado

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Rosemeiry de Castro Prado